

Folha ProLer



FOLHA PROLER É UMA PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA — FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL — MINC

O LEITOR DE SILÊNCIOS

Bartolomeu Campos Queirós diz que escrever é como amar e fala sobre a importância do PROLER

Márcio Vassallo

FOLHA PROLER - Um pensamento seu: "Não escrevo o que sou. Eu escrevo o que me falta." Será que o vazio é o que mais te completa?

BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS - A falta empurra a gente para a frente. Escrevo sobre o que eu não tenho. O que eu tenho não está em questão. Isso vale para a vida de todo mundo. O que move a gente é o desejo. Só desejamos o que não temos. E a literatura é feita de fantasia.

O que é a fantasia para você?

A fantasia é o próprio desejo. Criamos para fantasiar, para suportar o nosso vazio. Somos a nossa falta. Quando tomamos banho, por exemplo, temos que olhar com muito cuidado para o umbigo, para sabermos que aquilo é a nossa marca de corte. Fomos cortados, não estávamos sozinhos. Então, como todos, sou um pedaço. E a minha busca é pelo inteiro.

Essa busca vai ter um fim?

Não, eu nunca vou ser inteiro. Vou sempre buscar outros pedaços. Afinal, é na falta que a gente dialoga, é na falta que a gente encontra, é na falta que a gente ama.

Quais as suas ausências mais doidas?

A ausência que mais me dói é ser provisório na vida. Saber que não posso ficar me dói muito. Também me dói muito saber que todo tempo é curto diante da eternidade. Essa impossibilidade de viver a plenitude das coisas me dói, porque a própria plenitude é provisória. Então, estou sempre querendo dialogar com o definitivo. E não encontro esse definitivo. Isso é outra coisa que me dói.

Você tem uma relação de dor e prazer com as suas faltas?

Acredito que sim. Na realidade, eu não sou recriador. A literatura para mim é uma coisa dura, sofrida, cheia de sombras, cheia de faltas, cheia de crueldades.

É verdade que o seu avô escrevia no teto e nas paredes da própria casa?

É verdade. Ele registrava o que acontecia na cidade: quem é que casou, quem é que fugiu, o que quebrou em casa. Não era uma escrita da fantasia. Era uma escrita da realidade, da parede, do concreto. Essa lembrança me faz ter vontade de ler o que não está escrito. Michel Foucault diz que não lemos o que está escrito. Ele diz que lemos os silêncios que existem entre as palavras.

Você gosta de ler o que não está escrito nas pessoas?

Sim, gosto muito dessa leitura. Não há como estar diante do outro sem ler. Nós lemos no outro a nossa falta, a nossa fantasia. Porque quando o outro revela para nós quem ele mesmo é, ele é muito mais fantástico do que a nossa fantasia.

Ainda sobre ler pessoas: alguém que é bom para você pode não ser bom para mim, e vice-versa. Com o livro é a mesma coisa?

É isso mesmo. As pessoas e os livros têm leituras inesgotáveis que podem ser boas para uns e ruins para outros.

De volta à imagem do seu avô escrevendo nas paredes, que tipo de leitura é mais sedutora para você? Que leitura faz você subir pelas paredes?

Como já disse o Roland Barthes, gosto daquela leitura que levanta os olhos do livro. Quanto mais você levanta os olhos do texto mais rica é a leitura. Enfim, o livro mais sedutor e mais enriquecedor é aquele que dá fala ao leitor. O bom livro é aquele que me convida a falar.

E a ouvir também?

Também, também. O bom livro me devolve a palavra.

Por falar em diálogo, o tema dos comitês do PROLER de 2001 foi "Formar Leitores - Base para uma Educação de Qualidade." Na sua opinião, o que é uma educação de qualidade?

A educação de qualidade é aquela que nos convida a pensar sobre a nossa própria fragilidade. Quem é forte conhece bem os seus próprios limites. O meu conceito de fortaleza é um conceito do limite. E uma educação de qualidade me faz pensar sobre as minhas fraquezas, os meus limites, as minhas fragilidades. Essa educação nos faz refletir sobre a nossa mais precária humanidade.

Em que aspectos você acha que é mais importante conhecermos as nossas próprias fragilidades?

Nos aspectos afetivos, nos aspectos emocionais, nos aspectos técnicos, em todos os aspectos. Temos que conhecer realmente os nossos limites. Não tem nada pior que uma pessoa sem limites, que sabe tudo. Essa é a pessoa de mais difícil convivência. E ela acha mesmo que já encontrou tudo. Ela acha que não tem mais nada para encontrar.

Essa pessoa tem cara de ponto final?

É, ela tem cara de ponto final. Essa pessoa não tem dúvida. Ela encontrou a verdade. Essa pessoa é uma fanática. Não dá para dialogar com ela.

Tem gente que é um livro fechado?

É isso aí, tem gente que encontrou o definitivo. Essa pessoa está realmente fechada.

Como abrir na criança a vontade de ler?

O melhor caminho é dar a ela o livro. Você não pode ensinar uma criança a jogar futebol, sem a bola. Você não pode ensinar uma criança a nadar, sem a água. Então, precisamos facilitar o acesso da criança ao livro.

Promover o acesso da criança ao livro é um dos objetivos do PROLER. Como você vê esse trabalho?

O trabalho do PROLER é muito importante, é fundamental. Mas essa é uma proposta lenta, exige paciência. Toda experiência, para ser incorporada, tem que ter lentidão. Não se pode mudar a sociedade de um dia para o outro. O PROLER aproxima o sujeito do objeto que fala dele. Isso é maravilhoso. É aquela história: eu preciso ler este livro, porque este livro fala de mim. A literatura precisa ter essa cumplicidade com o leitor. Precisa ressuscitar em mim coisas que eu havia esquecido. Coisas adormecidas que eu não tinha posse delas. Acho que a literatura serve para despertar coisas que estavam dormindo em mim.

A literatura também serve para adormecer coisas que estão acordadas demais?

Sim, a literatura nos ensina a ser mais serenos diante da vida, mais pacientes, mais compreensivos com a diferença. A literatura leva você a reconhecer a riqueza da diferença. Nesse sentido, o trabalho do PROLER realmente é importantíssimo e muito amplo.

Você tem viajado muito pelo PROLER, desde o começo, há mais de dez anos. Do que você mais sente falta nas atividades dos comitês?

Acho que todas as atividades do PROLER deveriam ser centradas na leitura. Às vezes há uma certa dispersão. Determinadas atividades não focam o livro, não focam a leitura, e aí se confundem. Talvez esse tipo de atividade ainda seja promovida para atrair um público que não se interessa pela questão da leitura. Entretanto, muitas vezes, essas pessoas continuam sem ler, mas ficam julgando que estão participando do processo. Pode ser que eu esteja enganado, mas é a minha opinião.

Segundo você, o texto informativo é feito pelas pessoas que sabem e o texto literário é feito pelas pessoas que não sabem. Como é essa ignorância de quem cria?

O escritor de verdade toca de leve no assunto e convida o leitor a dizer mais sobre aquilo. Eu preciso do leitor para dizer o que eu não sei. Sou muito carente. Na realidade, eu crio para fazer um carinho em mim mesmo. Isso é muito bom.

O que é melhor nesse auto-chamego?

É o susto que a gente leva quando se toca. Escrevo porque é bom para mim. Chegar ao leitor é uma consequência desse carinho que faço em mim com as palavras.

Criar é como amar? Se a gente não se ama, não tem como fazer o outro feliz?

Acho que sim, acho que sim. Quando crio, eu me aproximo mais de mim, eu vou para a janela, eu fumo mais cigarro, eu bebo mais um uísque, eu fico mais feliz. Quando crio, mantenho uma relação amorosa comigo mesmo.

Quais os perigos dessa relação?

O escritor tem que tomar cuidado com a vaidade. O escritor tem que ser generoso, tem que ter humildade e não ser invejoso. Afinal, o que escrevo pode não ser bom para o outro. Mesmo que seja o meu melhor. E, mais do que isso, preciso saber que outra pessoa pode ler melhor que eu, pode criar melhor que eu. Não importa. O fundamental é que façamos o nosso melhor. Essa generosidade é tudo para o escritor. Mas também preciso saber que o melhor de mim não preenche a falta do outro.

Você costuma escrever em casa, na copa da sua cozinha. E já disse que essa copa "não tem visão para fora." Lá você só tem visão para dentro?

Só para dentro. Nada mais me chama a atenção. Gosto muito de viajar, visitar o mundo, conhecer pessoas, ir a restaurantes, encontrar os amigos. Mas na hora de criar preciso ficar absolutamente sozinho. O silêncio é um objeto importante da criação. Toda criação é precedida do silêncio.

É o silêncio que nos permite falar?

Exatamente. É no silêncio que a voz nasce.

Caminhos democráticos para a formação do leitor

De 10 a 14 de dezembro de 2001, no Rio de Janeiro, a Fundação Biblioteca Nacional realizou o VIII Encontro de Avaliação e Perspectivas do PROLER, com o apoio do FNDE/MEC. Estiveram presentes representantes de todos os estados brasileiros através dos seus Comitês, refletindo uma ação integrada entre a educação e a cultura, para formar leitores e escritores fluentes.

Nesse encontro, o grupo do PROLER refletiu sobre o assunto por meio de ações que visam o mesmo objetivo, bem como a necessidade de aprofundar as diretrizes e ações do Programa, com prioridade, para o ato de ler e escrever em seu sentido específico.

Nos últimos cinco anos, os comitês do PROLER promoveram encontros e cursos sobre a leitura e escrita com o apoio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/FNDE do MEC que atingiu a mais de 60.000 pessoas comprometidas e conscientes com a tarefa de formar leitores e escritores. E como resultado do nosso VIII Encontro, o tema escolhido para orientar as ações do PROLER em 2002 é *Da biblioteca escolar para a biblioteca pública: caminhos democráticos para a formação do leitor*.

Em 2002, aliás, o PROLER completará dez anos. Através de seus 71 comitês, o programa constitui um exército de profissionais atuando principalmente em universidades, escolas e bibliotecas, ansiosos para realizar o sonho de sermos um país leitor, mais justo e solidário. Nesse sentido, a abordagem da mídia sobre o baixo desempenho dos alunos brasileiros para ler e escrever, em comparação com outros países, na avaliação internacional feita pelo PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos, não levou em consideração que a concentração de renda entre nós se reflete no campo educacional e cultural, excluindo a maioria dos alunos do principal caminho para ampliar e aprofundar os conhecimentos: a prática da leitura de bons livros e da escrita livre.

Pesquisadores e especialistas na área da promoção da leitura mostram, há muito, que os métodos usados nas escolas brasileiras desconsideram a importância de formar leitores como fator essencial e determinante para que ocorra um processo educacional de qualidade. *Formar leitores, base para uma educação de qualidade*, tema nacional para orientar os trabalhos do Proler, em 2001, refletiu essa posição.

Portanto, levando em conta as difíceis condições financeiras, sociais, culturais e educacionais da imensa maioria dos alunos e professores da escola brasileira o resultado do referido exame não poderia ser outro. Certamente, o Ministério da Educação, ao inscrever o Brasil no concurso, não deve ter se surpreendido com o resultado pois conhece o nível de dificuldade da maioria dos alunos brasileiros, para dominar, com fluência, a língua materna.

Assim, formar leitores capazes de interpretar criticamente o que lêem, estabelecendo relações com outros textos e fatos não deve ser uma tarefa somente da escola, mas de toda a sociedade, principalmente daqueles grupos que tiveram o privilégio de desenvolver amplamente a habilidade de ler e escrever.

Mas para desenvolver a habilidade de leitura de forma a proporcionar uma interpretação autônoma, própria e crítica do texto lido e por extensão, da

realidade, é necessário conviver com a leitura, diariamente, assim como para escrever com clareza o pensamento é necessário escrever sempre. Estas práticas devem ocorrer, também, fora da escola e além do período da fase escolar. A formação do leitor se inicia no contexto cultural familiar, tem o seu principal parceiro na escola e vai além dela. Nas constantes leituras de livros, jornais e revistas, na conversa com outras pessoas que também são leitores. Porém, essas são condições exclusivas para aqueles que conseguem chegar à universidade e que além disso, têm recursos para continuar a comprar livros, assinar jornais e revistas (já que não há uma educação para o uso coletivo de acervos em bibliotecas) e convivem com pessoas que também lêem.

Sinceramente, esperamos que o baixo desempenho de nossos alunos no exame do PISA chame a atenção das autoridades de outras áreas além da educação, e em particular da cultura, como também dos intelectuais e empresários, para a necessidade de incluir a preocupação com a formação de leitores críticos e de escritores criativos na base do projeto de país como condição determinante para o aprimoramento da democracia.

Isso pressupõe unir os projetos educacionais e culturais. Na Educação, o projeto pedagógico deve estar centrado na Biblioteca Escolar e na formação de professores leitores e conscientes da importância da leitura e da biblioteca para a formação de seus alunos visando o exercício consciente da cidadania. Isso, evidentemente, exige redimensionar o curso de formação de professores retomando sua identidade leitora. Na Cultura, o projeto de Bibliotecas Públicas, deve estar à frente de qualquer outro, o que inclui um plano de formação e de valorização de bibliotecários para a área, inexistente até agora. O uso democrático da biblioteca como instituição é o principal ponto de união entre a educação e a cultura e deve ser compreendido como tal por professores e bibliotecários, de todos os níveis do ensino. Lembramos Anísio Teixeira que afirmou "Bibliotecas são instituições básicas da educação que antecedem à escola".

Mas enquanto estes dois setores - educação e cultura - não se articularem para buscar um trabalho integrado na direção da formação das crianças e jovens brasileiros aliados da cultura do texto escrito, a vantagem será sempre da elite. Os casos de exceção, deste ou daquele jovem pobre, que consegue furar este cerco de vantagens só confirmam a regra. E o país, deve buscar atender à maioria.

A dimensão da necessidade e da importância de ler muito, vários textos, deve ser um testemunho dos adultos que convivem com a criança explicitando assim, o seu valor social.

Ler, interpretar e se expressar com clareza exige muito mais do que os exercícios gramaticais feitos em salas de aula, pois é necessário praticar a leitura de diversos textos, em diversas situações e por diversos motivos, alguns atraentes outros nem tanto, mas todos necessários. Nessa variedade de textos, o literário deve ter lugar de destaque pois, ler para compreender, interpretar exige ler literatura, sempre. Ao se concentrar a oferta de leitura na escola em livros

didáticos, com conteúdos frios e sem sentido, desprezando-se ou secundarizando-se o livro de literatura, aprofunda-se o abismo educacional e cultural entre crianças ricas e pobres. Qualquer função ou profissão exercida por quem lê literatura é desempenhada com mais competência. É a bagagem de leitura literária que marca a diferença entre aquele que se expressa criticamente, formula hipóteses e questiona conceitos e aquele que somente pode ouvir e, embora tenha necessidade de expressar seus sentimentos, não sabe expressá-los. Privar a maioria do banquete do conhecimento amplo, científico e artístico, é impedir o direito ao desenvolvimento integral, a que todos têm direito.

Para nossa alegria, há neste jornal, uma preciosa contribuição de Bartolomeu sobre a importância da literatura em nossas vidas. A beleza, a rapidez, a exatidão e a consistência das perguntas e das respostas, bem ao estilo Calvino, preenchem todas as lacunas desse editorial e ultrapassam brilhantemente os seus objetivos.

Vemos, por isto, com muito entusiasmo o projeto *Literatura em minha casa*, da Secretaria do Ensino Fundamental, do MEC que por meio do Programa Nacional Biblioteca de Escola irá distribuir livros de literatura para as crianças das 4ª e 5ª séries, em 2002. O nome *Literatura em minha casa* expressa a idéia principal do projeto: além de proporcionar a posse do livro, envolver as famílias das crianças no trabalho de formação de leitores levando até a casa livros de qualidade, unindo educação e cultura. O passo seguinte esperamos que seja investir na criação de bibliotecas escolares que proporcionem aos alunos e a toda a comunidade escolar o aprendizado de partilhar acervos coletivos. O PROLER já está parceiro do MEC neste projeto para implementá-lo.

Por sua vez, o projeto *Uma Biblioteca por Município*, da Secretaria do Livro e da Leitura, do MINC, com o objetivo de ampliar o número de Bibliotecas Públicas instalou, em parceria com as prefeituras 1.300 bibliotecas, entre 1997 e 2001. Porém, é necessário muito mais. Além da necessidade de ampliar largamente esse número, há que se manter as bibliotecas com projetos e programas de promoção de livro e de leitura, com acervos atualizados todos os anos como parte de um plano nacional de uma rede de bibliotecas públicas e da ampliação dos pontos de venda de livros. Por seu lado, a sociedade brasileira deve exigir o direito à leitura, por meio das bibliotecas pois as elites pouco ou nada fazem para compartilhar o seu patrimônio cultural existente nos livros já que ele é poderoso instrumento de poder e de dominação.

Muito mais do que um hábito diletante, formar bons leitores e escritores deve ser uma responsabilidade do Estado. E o Estado deve garantir as condições iguais a todos os cidadãos e, de toda a sociedade civil, que precisa contribuir com ações decisivas, conscientes da necessidade de partilhar o poder da palavra escrita. Portanto, temos que consolidar as experiências existentes no país e no exterior, para criar, de fato, uma Política de Democratização da Leitura e da Escrita. Afinal, sem essa política, a democracia brasileira não avançará no longo caminho a percorrer.

LER É JOGAR COM PERSONALIDADE

Mais do que isso, ler é jogar com o encantamento, sem medo de perder, porque quem lê um bom livro ganha sempre. De olho nessa questão, a FOLHA PROLER entrevistou as professoras Graça Paulino, da UFMG e Jane Paiva, representando o PROLER, para falar sobre o Jogo do Livro, evento cada vez mais importante para a formação de leitores e a capacitação de professores no Brasil.

PROFESSORA DA UFMG E MEMBRO DO CEALE, GRAÇA PAULINO DISCUTE O LETRAMENTO LITERÁRIO E AVALIA O JOGO DO LIVRO IV

FOLHA PROLER - Em que aspectos você destaca a importância do Jogo do Livro?

GRAÇA PAULINO - A realização bial de este evento permite intensificar e tornar público o diálogo entre pesquisadores universitários e profissionais do livro, tais como editores, escritores, ilustradores; mediadores de leitura, bibliotecários e professores; responsáveis por políticas públicas de incentivo à leitura.

Como nasceu a idéia desse projeto?

Desde 1994 desenvolvíamos pesquisas sobre literatura para crianças e jovens e sua leitura no contexto escolar. O grupo, institucionalmente ligado ao CEALE, Centro de Alfabetização Leitura e Escrita da FAE - UFMG, decidiu organizar um evento de âmbito nacional que reunisse pessoas de diversas áreas de atuação ligadas ao livro. Assim foi sendo feito, em 1995, 1997, 1999 e 2001.

Que avaliação você faz do Jogo do Livro IV?

Em 2001, durante a greve de servidores administrativos e professores das universidades federais, deslocamos o evento para a cidade de Sabará, onde contamos com o apoio da Prefeitura. O Teatro Municipal foi um espaço maravilhoso. Pessoas de diversas regiões do país compareceram. Os trabalhos apresentados foram bem recebidos e

discutidos. Devemos muito do sucesso do evento ao apoio da CAPES, que financiou passagens de especialistas. Enfim, de tudo o que ocorreu resultará um livro, com publicação prevista para 2002.

Como o letramento literário foi discutido no evento?

Letramento literário é uma categoria nova na reflexão acadêmica. Refere-se à condição de pessoas letradas em convívio com obras literárias na vida cotidiana. Ser um cidadão literariamente letrado significa ler habitualmente livros de poemas, contos, romances, crônicas, de acordo com as preferências de cada um. E como hoje os suportes dialogam sem cessar, esse letramento se expande para o convívio com outras linguagens e com a tecnologia. Assim foi desenvolvida a discussão da temática, que se centrava especialmente nas questões referentes ao ensino, à pesquisa e à democratização do letramento literário.

De que modo esse letramento é fundamental na vida das pessoas?

Podem parecer um luxo falar de letramento literário num país como o Brasil, que enfrenta problemas sócio-econômicos tão sérios. Mas as artes, dentre elas a literatura, vêm assumindo uma função mais importante do que sugere uma visão superficial da

atualidade. Conviver com o inesperado, saber das coisas do mundo com sensibilidade para as diferenças, abrir-se para linguagens estranhas e instigantes constitui um modo de preparação das pessoas para uma vida melhor, no sentido das convivências e sobrevivências simbólicas num contexto de globalização.

Como foi a participação do público nas mesas-redondas e nas palestras?

O público teve uma participação constante e enriquecedora. Os debates eram esperados com tanta ansiedade quanto as exposições. No final das atividades, foram expedidos 125 certificados, embora o comparecimento eventual tivesse sido bem maior.

O que é preciso para que o Jogo do Livro seja cada vez melhor?

Precisamos aumentar ainda mais a divulgação do evento. Pensamos em torná-lo internacional. Queremos também envolver outras instituições, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e a Biblioteca Nacional. Vamos ampliar nossas parcerias com escolas de todos os níveis de ensino. Enfim, esperamos que o próximo Jogo seja ainda mais uma vitória para todos nós que lidamos com a leitura.

MEMBRO DA COMISSÃO NACIONAL DO PROLER E PROFESSORA DA UFF, JANE PAIVA REVELA QUAL É O GRANDE JOGO DO LIVRO

FOLHA PROLER - Como você analisa o projeto Jogo do Livro?

JANE PAIVA - O Jogo do Livro é um projeto do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), que apresenta sempre diferentes linhas temáticas. Esse evento é promovido pelo Grupo do Letramento Literário. Além disso, todo Jogo do Livro se transforma depois em um livro com os textos dos profissionais que participam do projeto. A iniciativa tem sido muito importante, por agrupar pessoas que pesquisam e discutem o papel do texto na formação do leitor, por meio da literatura e mostram como o texto literário qualifica o leitor.

O que é um leitor qualificado?

É aquele que se torna co-autor do livro e atribui sentido à leitura, em função das suas próprias experiências. Para isso, o leitor precisa buscar textos literários de qualidade, polissêmicos, que não impõem idéias nem ideologias.

Qual o papel da escola nessa busca?

A escola tem que parar de usar o texto literário como pretexto para ensinar gramática ou outras coisas. Isso deforma a essência da literatura e desqualifica o leitor. Há muitos professores competentes que valorizam a literatura em sala de aula. Não só professores. Há muitos diretores, superintendentes e outros profissionais de alto nível nas escolas brasileiras. Mas infelizmente a maioria trabalha o livro de forma robótica, mecânica, cheia de obviedades. E a escrita que se faz, decorrente desse trabalho, é a cópia.

Você apresentou a mesa-redonda

"Literatura e neo-leitores jovens e adultos: encontros possíveis no currículo?". Quais foram os principais temas discutidos?

Falamos sobre os caminhos para trabalhar com o adulto que começou a ler tarde. Para isso, tenho trabalhado muito com o livro tipo almanaque. Esse livro rompe com o modelo seqüenciado. O modelo seqüenciado pressupõe que precisamos passar do mais fácil para o mais difícil. Tudo isso é falso, porque na vida nos encontramos com as coisas mais variadas, ao mesmo tempo, sem seqüência. E com o almanaque, você pode ler em qualquer seqüência, em qualquer ordem. O almanaque tem textos lúdicos, tem textos informativos, tem um mosaico de gêneros textuais, que a escola despreza.

Como é esse desprezo?

A escola pasteuriza os textos e chama tudo de redação. Aí o estilo de cada aluno é desvalorizado e todo mundo escreve da mesma maneira. Na realidade, cada criança tem a sua própria personalidade. E isso precisa ser valorizado por meio da produção de textos.

A sua mesa-redonda debateu a questão dos neo-leitores. Na sua opinião, o que é um neo-leitor?

Acho que o termo "alfabetizado" é insuficiente para dar conta da complexidade das leituras que são exigidas na sociedade contemporânea. Mais do que alfabetizar, é preciso formar leitores. Na realidade, os neo-leitores são as pessoas que chegam ao encontro do texto mais tarde na vida, mas que estão ávidos para mergulhar no mundo da leitura.

De volta para o Jogo do Livro. A 4ª edição do evento discutiu, dentre outros assuntos, a potencialidade dialógica das imagens. Em que sentido a imagem é realmente importante na formação do leitor?

A imagem é muito importante, porque ela

encoraja o neo-leitor a ler o próprio texto. É que o neo-leitor compreende bem as imagens. E as imagens ajudam a construir os sentidos do texto e contribuem para que o leitor busque os conhecimentos que ele tem sobre a língua escrita, e nem sabe que tem. Por outro lado, a imagem no livro não é simplesmente uma transcrição numa outra linguagem. A imagem de qualidade é sempre um complemento do texto. Ela diz coisas que, às vezes, o texto escrito não diz. Então, a imagem amplia os sentidos possíveis do texto. Trabalho muito com a análise de imagens na formação continuada de professores, para mostrar os diferentes sentidos que a leitura vem tendo ao longo da História.

Você acha que o livro de imagens ainda é pouco valorizado nas escolas?

Acho que o livro de imagens, gradativamente, está conquistando um espaço nas escolas. Mas esse livro tem uma estrada pela frente, porque o professor é muito cobrado pelo tal do conteúdo do currículo. Nesse caso, se o professor trabalha com livro de imagens ou texto literário, isso não é currículo, é extra-curricular. A biblioteca, na escola, por exemplo, não é currículo. Ela é vista como extra-curricular. E, na realidade, a biblioteca precisa ser o centro dos projetos escolares.

Uma pergunta extra-curricular: qual é o grande jogo do livro?

O grande jogo é desafiar as escolas a trabalharem com textos que abram novos sentidos nos alunos. Jogar com o livro é aprender a passar do sentido único para o sentido múltiplo. É realmente mergulhar na pluralidade das coisas.

A leitura abre leques dentro da gente?

Exatamente, abre sim. E esses leques são novos horizontes na criança, no professor, no leitor em geral.

LEITURA, MIGRAÇÕES E MULTICULTURALISMO

Palestra Ministrada no Congresso Mundial de Leitura em Cuba

Ezequiel Theodoro da Silva

Em meus tempos de criança, numa pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, eu assisti a quase todos os filmes de Cantinflas no cinema local. Posso afirmar, apertando a minha memória, que esse personagem foi a primeira ponte uma espécie de ponte cinematográfica com os demais povos da América Latina. Eu costumava imitar o personagem criado por Mario Moreno Reyes... Eu queria ser Cantinflas, eu fui Cantinflas em várias situações de minha infância. Com o seu chapéuzinho de bico para frente, despenteado, bigodinho esticado nos dois cantos da boca, colete esfarrapado, calças lá embaixo e andar requebrado eu fazia as mesmas pantomimas para alegrar as minhas rodas de amigos. Eu era assim o mesmo homem do povo, sem raízes e sem dinheiro, sobrevivendo da lógica da sagacidade, à margem das leis do oprimidos, e jamais perdendo de vista conexão direta com o meu povo. Com Cantinflas, sendo Cantinflas, aprendi que o oprimido pensa, tem sentimentos e possui dignidade.

Fui crescendo, me movimentando daqui para ali e cruzando muitas fronteiras geográficas do meu país e, posteriormente, do continente americano. Pela imaginação e pela fantasia, viajei por muitas terras e, ao mesmo tempo, desenvolvi desejos, atitudes e valores diferenciados, plurais. Igual a uma cebola, que nunca para de crescer, fui incorporando mais camadas à minha identidade de base. Entrei e sai de livros, filmes, pinturas, músicas, fotografias, esculturas, transformando-me nisso ou naquilo, nesse ou naquele e construindo trajetos bifurcados, cada vez mais bifurcados até hoje em dia. E à noite eu olhava as estrelas piscando no céu e exclamava: "Ah, como eu gostaria de ter sido..."

Como eu gostaria de ter sido o tema de uma "ficción" de Jorge Luis Borges. Um personagem labiríntico perambulando por dentro de quebra-cabeças, enigmas, espelhos e bestas esquisitas. Um ser gerado e criado por um cego que via e viu a vida metafisicamente, sendo capaz de remexer os mitos e cavar quase todas as profundidades da alma humana.

Como eu gostaria de ter sido aquele carteiro que interagiu com Pablo Neruda nos confins do Chile. Ter vivido concretamente as maravilhas das metáforas para dizer nos ouvidos da amada. E me transformar também em mais um poeta neste mundo de tantas desgraças e catástrofes, tão repleto de absolutismos étnicos, de ódios raciais instaurados pela xenofobia de sociedades que se chamam melhor do que as outras.

Como eu gostaria de ser uma figura esculpida ou pintada por Fernando Botero. Um corpo bem gorducho, incorporando uma mistura de arte espanhola, Goya, Velásquez e a arte indígena pré-colombiana. E ser capaz de ganhar vida própria e me materializar magicamente como um outro personagem, agora nos imensos murais de Diego Rivera. E, por aquilo que a arte permite e provoca, ser capaz de provocar transações políticas e

culturais entre todos os povos das Américas, veiculando eloqüentemente as tradições e misérias do campesinato oprimido. Sim, pelos pincéis de Diego Rivera, ser sempre um herói nascido das camadas populares da minha população.

Como eu gostaria de ter sido aquele escrevinhador que, através de Mario Vargas Llosa, conviveu com Tia Julia. E criar mundos através da escrita experimental, criativa e transgressora. E lembrar-se, por ter decorado, das palavras de Salvador Elizondo, na primeira página da obra: "Escrevo. Escrevo que escrevo. Mentalmente me vejo escrever que escrevo e também me ver que escrevo. Recordo-me já escrevendo e também vendome que escrevia. E me vejo recordando que me vejo escrever e me recordo vendome recordar que escrevia e escrevo vendome escrever...". Depois, já escritor maduro, lá longe nas florestas peruanas, por detrás da Cordilheira dos Andes, ter sido também Pantaleão, preparando as visitadoras para os soldados e deixando transpirar todas as minhas ironias pelas banalidades e imbecilidades de todos os exércitos deste mundo.

Como eu gostaria de ter sido eu a ter escrito "Crônica de uma Morte Anunciada". Ter entrado na epiderme, na imaginação e nas mãos de Gabriel Garcia Marques e construir uma história que prende dinamicamente o meu leitor logo no início da minha linha. Pensar sempre nas minhas raízes na aldeia de Aracataca, na Colômbia, esparramando os seus aromas e os seus sabores universalmente, por onde quer que "Cem Anos de Solidão" possa ser traduzido, lido, compreendido e sentido nas emoções que provoca. Como eu gostaria de ter sido Pancho Villa, como arquiteto por Carlos Fuentes em 1985. E sendo ao mesmo tempo objeto concreto e mito de um mesmo lugar, passar pela reflexão humanista de Octavio Paz ou então de Gabriela Mistral, banhando-me em poesia, paixão, sensualidade, lirismo.

Como eu gostaria de ter sido a voz de Bob Marley, cantando através do reggae, a pobreza sem piedade e as aspirações espirituais místicas das classes desprivilegiadas da Jamaica. Ressoar com doçura da cana de açúcar, mas cortar ou desafiar consciências com chibatadas contra os racismos de quaisquer espécies. E sendo essa voz jamaicana, formar um tapete de sonoridade com outras vozes que expressam a essência do espírito da América Latina, ou seja, uma aptidão ilimitada para a alegria, um gosto acentuado pelas cores exuberantes e manifestas, uma crença saudável em atender, ao mesmo tempo, as necessidades da carne e do espírito. Ser, então, ao mesmo tempo, Violeta Parra, Mercedes Sosa, Pablo Milanez, Café Tacuba, Célia Cruz, Toña La Negra, ou, então, tornar-me o complexo e contraditório menino cantado pela venezuelana Cecilia Todd.

Finalmente, devo revelar a vocês a minha vontade de ter sido Che Guevara que, segundo Frantz Fanon, é o "símbolo mundial das possibilidades de um homem". E sendo

Che Guevara, não perdendo a ternura jamais, ser também um pouco de Jose Marti, Emiliano Zapata, Augusto Sandino, Farabundo Marti e Rosa Luxemburgo. Ser um humanista não-domesticado e não-domesticável. Enxergar claramente o imperialismo pós-nacional do capital, coordenado hoje pelas empresas transnacionais, com resultados brutais para os povos explorados da América Latina que não se encaixam nos fundamentos calvinistas de viver, dos descaimados aos precaristas aos sem-terra. E tendo Che Guevara comigo, tornar disponível a oportunidade econômica e a justiça social a todos os membros das sociedades latino-americanas, banindo os privilégios e socializando as riquezas continentais. Jamais esquecer que a globalização, enquanto uma necessidade de convivência internacional, deve unir a modernidade técnica e tecnológica à modernidade ética, sob o signo da alteridade e da solidariedade entre todos os povos.

Depois dessa breve viagem por países e produções do meu continente, consigo enxergar que, por essência e inevitavelmente, todo ser humano é multicultural. Ou seja: sou tudo aquilo que eu queria ser. Fui historicamente me constituindo nas paisagens múltiplas e diversas, ondulantes e plurais dos contextos sociais por onde passei, produzindo em mim um sangue misto, marrom, amarronzado, impuro e mestiço. Minha identidade é uma metamorfose perene: uma couve-flor de mil faces explícitas e implícitas.

Toda leitura, como todo aprendizado, resulta da abertura para o outro o outro fisicamente situado no mundo da proximidade ou então o outro inscrito nas obras e nos textos distantes no tempo e no espaço. Todo aprendizado, como toda leitura, é mistura e mestiçagem. Apesar disso, ao invés de construirmos um saber tolerante, solidário e amigo das diferenças, há séculos insistimos em assumir uma razão asséptica e um etnocentrismo que aspiram à imobilidade das visões unilaterais de organizar a vida e o trabalho. Infelizmente, muitos ainda acreditam em filosofias da pureza, baseadas em dicotomias irredutíveis, impulsionados que são pela compulsão em dominar aqueles que preconceituosamente são vistos como "atrasados". Cabe perguntar aqui se é possível existir um ser humano ou uma ciência ou uma disciplina que não se abra para aquilo que lhe é exterior e assim crescer transformando-se continuamente.

Para mim, a experiência, que comanda a consciência, é enriquecida por dilatações do "eu" nos diferentes espaços de convivência social. "Assim o tórax, o útero, a boca, o estomago, o sexo e o coração se dilatam e se preenchem: de vento, de vida, de vinho, de canções, de bens, de prazeres, do outro ou do reconhecimento da fome, da sede, da miséria e do ressentimento também. O estiramento aumenta com a alegria e as desgraças. Somos costurados com tecidos elásticos. O aprendizado abre no corpo um lugar de mestiçagens, para ser preenchido por outras

peças. Ele se torna gordo". Neste início de novo milênio, a tensão étnico-cultural e a necessária política de justiça universal no planeta se transforma numa questão urgente para ser debatida. Isto porque, ao falarmos em multiculturalismo, estamos falando de múltiplas histórias, vozes plurais e traduções diferenciadas da realidade e das sínteses culturais desgraçadamente, essas histórias, vozes e traduções não têm o mesmo peso econômico e, portanto, não têm o mesmo poder ou valor no mundo globalizado contemporâneo, regido pela ideologia neoliberal. Daí eu achar que uma das primeiras funções da leitura e/ou do ensino da leitura seja a de desvelar as contradições inerentes aos discursos homogeneizadores, estereotipadores, xenófobos e discriminadores, que tentam mascarar as raízes primeiras das desigualdades e dos privilégios existentes entre os povos do planeta.

Fundamentado nas análises que fiz dos estudos de McLaren e Bhabha sobre multiculturalismo, estou mais do que convencido da necessidade de instaurarmos nas escolas e demais agências educativas as perspectivas interculturais críticas. O que significa isso? Significa levar os estudantes a se perceberem como seres híbridos em processo ininterrupto de construção de suas identidades, desafiando os absolutismos étnicos e culturais, oriundos principalmente daqueles países hoje considerados os donos do planeta. Significa levar os estudantes a se rebelarem contra qualquer tipo de etnocentrismo, principalmente aquele secularmente ligado ao da cultura euro-ocidental branca, masculina, cristã, capitalista, cientificista, predatória, racionalista, neoliberal, consumista e assim por diante. Em meio a esse tipo de questionamento, uma segunda função da leitura ou do seu ensino é o de desmascarar e combater a reprodução histórica dos binarismos e das dicotomias, aprendendo a respeitá-las a diversidade cultural e experimentando as múltiplas camadas que podem perfazer a construção de identidades robustas e democráticas. Enfim, mostrar que a leitura, dentro do enfoque multicultural crítico, pode, pela consciência que desperta, levar a uma hibridização ou miscigenação sadias para o homem, independentemente da sociedade onde ele tenha nascido e esteja situado em termos de trajetória existencial. Nunca é demais lembrar que, além de uma ética, existe também uma estética do multiculturalismo, podendo ser ela percebida na música, no cinema e na literatura, o que exige de nós, professores, uma ampliação do conceito de leitura.

Toda leitura, como toda aprendizagem, exige uma viagem com o outro em direção à alteridade. Durante os movimentos, as migrações e as passagens, muitas coisas mudam. E para que haja mudanças é necessário garantir a liberdade para os movimentos, para as migrações e passagens de um espaço cultural para outro. As pessoas têm que escolher livremente, conscientemente as direções que elas desejam incorporar nas camadas de suas identidades. Mais especificamente, para ler a pluralidade do mundo e decidir sobre a minha própria diversidade, eu dependo de atmosferas democráticas e abertas, que não censuram e nem coíbem as múltiplas visões de mundo e de vida em sociedade.

Daí eu encerrar esta minha intervenção neste Congresso convidando os meus irmãos latino-americanos para um passeio de mestiçagem pelas terras e pelas coisas brasileiras. E o meu convite é feito no tempo condicional, dando a cada uma a chance para pensar se, nas suas múltiplas bifurcações de vida e destino, cabe ou não adotar algum modo brasileiro de ser, sentir dor ou alegria, rir ou chorar. Mas, por favor, não tomem este meu convite multicultural sob as lentes do exotismo ou do folclore, que geralmente fazem assimilar sem refletir. Recebam o meu breve cardápio cultural como um desafio a desconstrução de estereótipos, como uma provocação à construção de subjetividades mais densas, mais ricas, mais repletas de respeito, de permeabilidade e de alteridade. "Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. Eis as três primeiras estranhezas, as três variedades de alteridade, os três primeiros modos de se expor. Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosas, ao outro. Nunca mais saberei quem, sou, onde estou, de onde venho, aonde vou, por onde passar. Eu me exponho ao outro, às estranhezas". Sendo assim, assumo os riscos de produzir possíveis misturas interculturais, mesmo porque, em termos de costumes e etnias os cubanos e os brasileiros possuem muito mais semelhanças do que diferenças. E com esta migração, proposta mesmo que ligeiramente nesta minha fala possamos repensar velhas e esclerosadas definições de cidadania colocando-a agora acima de quais quer fronteiras geográficas, étnicas, lingüísticas e coisas que os valham.

Eu queria que vocês tivessem visto e conhecido Brasília, a capital do Brasil, que talvez seja o mais poderoso símbolo do desejo latino americano de entrar em efervescência na segunda metade do século vinte e assim se refazer e se atualizar frente aos demais países do mundo. Não tanto pelas belezas arquitetônicas dos prédios desenhados por Oscar Niemeyer, mas sim pela fibra e garra dos trabalhadores da construção civil (candangos) que ali deixaram as marcas do seu trabalho e ali formaram um caldeirão cultural dos mais expressivos em termos de cruzamentos de todas as espécies possíveis.

Eu queria que vocês tivessem assistido a um jogo de futebol do jogador Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé. Além de movimentar paixões, ele mostrou a força e a criatividade dos negros na esfera dos esportes e de outros empreendimentos, lutando sempre contra o preconceito racial que apesar das aparências ainda é muito expressivo no Brasil.

Eu queria que vocês tivessem sido o personagem Vadinho, primeiro marido de Dona Flor, criado por Jorge Amado. Vadinho morreu de tanto se embriagar e brincar numa noite de carnaval, fantasiado de mulher e usando uma mandioca por debaixo das saias para provocar as mulheres. Pelas invocações de bruxaria, candomblé e espiritismo que inclusive demarcam boa parte da espiritualidade do povo brasileiro, Vadinho ressuscita depois de morto e reaparece a esposa a fim de esquentar a suas paixões na cama. Jorge Amado, que lamentavelmente faleceu neste ano era fascinado pelos trópicos, pela nossa música e dança e foi permanentemente apa-

xionado pelos mistérios das nossas tradições africanas e indígenas.

Eu queria que vocês tivessem se aventurado pelas penumbras da selva amazônica ao Norte do Brasil e tivessem unido mãos com Chico Mendes, lutando em prol da preservação das florestas e dos seringais. Na pele de Chico Mendes, antes dele ser assassinado pelas forças da opressão, eu queria que vocês percebessem que no meu país ainda existem profundas desigualdades sociais: uma minoria rica e uma grande maioria pobre quando não miserável. Milhões de excluídos, dos quais os sem terra são apenas uma parte vivendo em condições precárias e sub-humanas em todas as regiões do nosso território. Além disso, como mostrado no filme Pixote de Hector Babenco, uma significativa parte dos nossos jovens se transformam em "meninos de rua" sem escola, sem amparo social e por isso mesmo caindo rapidamente nas malhas do vício, da violência e da criminalidade.

Eu gostaria que vocês também tivessem literariamente acalentado Emília, uma boneca de pano inventada por Monteiro Lobato e capaz de estimular a fantasia de qualquer criança deste mundo em função das peripécias que ela vive. Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia, Visconde de Sabugoza, a Cuca e o Saci são criaturas enraizadas no imaginário social brasileiro e, no meu ponto de vista, passíveis de serem compartilhadas com qualquer sociedade aberta ao maravilhoso e ao fantástico da literatura infantil-juvenil.

Eu queria que vocês tivessem ficado face a face com Arigó e Chico Xavier, dois espíritos brasileiros capazes de desafiar as religiões e as místicas mais tradicionais. E a mãe Menininha do Cantoá, dos terreiros de candomblé da Bahia também capaz de feitos que a racionalidade clássica jamais conseguiu explicar. Nada confere mais sentido à vida do que mudar de sentido...

Finalizando, eu gostaria de dizer que é impossível querer entender a popularidade e a projeção do multiculturalismo no mundo de hoje sem considerar o papel da música em nossa vida e em nossa formação. De fato, igual a mim, me parece que uma imensa parcela de pessoas constrói a sua identidade por meio de movimentos e ondas culturais e de amplas redes de comunicação, tendo como suporte a mídia e todo o sistema informacional disponível no mundo globalizado. Por isso mesmo dentro do elogio ou da elegia que aqui fiz aos mestiços que todos somos e às misturas culturais nas Américas, convindo a todos para cantar em português ou 'portunhol' uma música de Antonio Carlos Jobim (Tom Jobim) um compositor de sambas e criador da bossa nova que acreditava ter aprendido as suas composições a partir do canto dos passarinhos das florestas brasileiras. E a garota que ele construiu na música teve a parceria de Vinícius de Moraes, um outro poeta que também amava as mestiçagens multiculturais.

Ezequiel Theodoro da Silva é Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP e da Universidade do Contestado, Campus de Caçador, Santa Catarina.

TURISMO COM AS PALAVRAS

Projeto da RIOTUR leva crianças à Casa da Leitura

Fazer turismo com as palavras é uma das viagens mais apaixonantes do mundo. Principalmente quando o guia dessa viagem é um livro luminoso, daqueles que abrem asa na pele e acendem o leitor. Então, para decolar em mais um projeto de estímulo à leitura, a Casa da Leitura fechou com a RIOTUR uma participação no projeto Rio nas

Escolas. Em parceria com a Secretaria Municipal da Educação, e apoio da Light, a RIOTUR tem levado diariamente 90 crianças de escolas municipais da Zona Oeste para conhecer a Casa da Leitura, incluída como um dos pontos de visitação do projeto. Segundo a pedagoga Marisa Borba, responsável pela programação da Casa, a biblioteca é o ponto mais visitado

do encontro. "Levamos as crianças para mostrar o acervo da biblioteca, mostrar como ela é organizada, como é o funcionamento. E também mostrar o Rio de Janeiro, por meio de livros que falem da cidade. Aí elas passam 1h30 conosco e nos dizem que gostam de vir mais aqui do que ao Pão de Açúcar e ao Corcovado", diz Marisa.

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil consolida o Salão do Livro para Crianças e Jovens

Mais do que um sucesso absoluto, em todos os aspectos, o 3º Salão do Livro para Crianças e Jovens foi uma verdadeira festa. Não aquelas festas cheias de apitos, tumultos, megafones, corre-corre desenfreado, estardalhaços por tudo quanto é canto. Porque, acima de tudo, o Salão do Livro se consolidou como a grande festa do leitor, feita de gritos com os olhos, suspiros apitados, com muita gente, muita cor, muita alegria e um delicioso corre-corre da alma. Assim, em sua 3ª edição, o evento iluminou o Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna, de 9 a 18 de novembro de 2001. Organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o 3º Salão foi patrocinado pela BR Distribuidora e contou com mais

uma vez com o apoio da Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro. Dessa vez, a SME contribuiu com um vale de R\$500,00 para cada escola da rede municipal da cidade comprar livros no evento. E o resultado foi fantástico, com o estandes das editoras cheios de professores ávidos por montar e atualizar acervos das bibliotecas de suas escolas.

Além disso, o 3º Salão reuniu autores, ilustradores, leitores em geral, e profissionais da leitura, para celebrar o amor pelos livros, em lançamentos, encontros e debates. Por falar em debates, uma das mais movimentadas atividades do Salão foi o seminário *Ler literatura, para ver, ouvir e ler melhor*. Patrocinado pela Companhia Suzano de Papel e Celulose,

dentro do projeto Ler é Preciso, o evento destacou a importância da leitura literária na formação do público que ama a arte e na vida de quem trabalha com teatro, cinema, música e jornalismo. Então, em mesas-redondas mediadas sempre por um representante da FNLIJ, estiveram presentes Regina Zilberman, Bartolomeu Campos Queirós, Laura Sandroni, Pedro Bial, Cássia Kiss, José Roberto Torero, Elizabeth Serra, Percival Brito, Cynthia Rodrigues, Luciana Savaget, Jane Paiva, Ninfa Parreiras, Mônica Pinto, Maraney Freire, Carlos Augusto Nazareth, Maria Aparecida dos Santos, Marisa Borba, Maria da Glória Schaper, Carmen Lúcia Lozza e Iraídes Coelho.

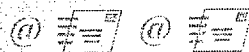
Gabriel O Leitor

Compositor conversa com o público e prova que nunca é tarde para começarmos a ler

Também com a coordenação de Marisa Borba, a Casa da Leitura promoveu um encontro do cantor e compositor Gabriel O Pensador com estudantes. Afinal, a Casa da Leitura está sempre pensando em novos projetos que estimulem o prazer de ler e aproximem crianças e jovens do livro. No evento, o artista falou sobre leitura e cidadania e conversou com o público sobre a sua experiência como leitor. Autor do livro *Diário Noturno*, publicado pela editora Objetiva, Gabriel revelou à platéia que escreve desde cedo, mas que quando criança e adolescente apenas lia histórias em quadrinhos. Só agora ele está realmente mergulhando nos livros. O depoimento de Gabriel prova que nunca é tarde para alguém começar a ler. Em 2002, a Casa da Leitura planeja promover novos encontros com personalidades. Já participaram do evento os escritores Zuenir Ventura e Joel Rufino dos Santos.



Cartas



ESCREVA PARA A GENTE!

A partir desta edição, a FOLHA PROLER abre um espaço permanente para você compartilhar experiências, trocar idéias, sugerir pautas, criticar, concordar, discordar, debater, comentar, opinar, enfim, falar sobre questões ligadas à leitura e a quem trabalha pela formação do leitor. Esse espaço é seu. E é uma forma de nos aproximarmos ainda mais, para conhecermos cada vez melhor a realidade, as expectativas e os planos de cada Comitê do PROLER pelo Brasil. Então, escreva uma carta para nós, ou mande-nos um e-mail, um fax, um alô por escrito. Afinal, dialogar é preciso, escutar é fundamental.

Então, escolha o meio e envie a sua mensagem para a FOLHA PROLER:

Rua Pereira da Silva, 86 - Laranjeiras - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 22.221-140 • Fax: (21) 2557-7458

E-mail: proler@bn.br

Conheça os Melhores Programas de Leitura

Promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e pelo PROLER, 6º concurso Os Melhores Programas de Leitura premiou os três vencedores de 2001. Em sua próxima edição, a FOLHA PROLER publica entrevistas exclusivas com os ganhadores. O primeiro lugar foi para o projeto *Redimensionando a biblioteca e estimulando a leitura*, da Escola Municipal Coronel Alonso de Moraes, de Minas Gerais. Os outros dois foram para o Paraná. Em segundo, ficou o programa *Sarau*, da Escola Estadual Padre José Herions, da cidade de Rolândia, e o terceiro lugar foi para *Leitura viva: mãos e mentes em ação*, do Instituto Londrinense de Educação de Surdos.

Literatura em Minha Casa

O Brasil tem milhões de motivos para comemorar. Com o título de *Literatura em minha casa*, o novo Programa Nacional de Biblioteca Escolar - PNBE -, do Ministério da Educação, vai distribuir uma coleção de cinco livros para cada aluno da 4ª série do primeiro grau das escolas públicas de todo o país (em torno de quatro milhões de crianças, no início do ano letivo de 2002). Os livros selecionados foram produzidos pelas editoras especialmente para esse programa, com a assessoria do PROLER e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A LEITURA NO BRASIL - EM CONSTRUÇÃO

*Coordenadora da Biblioteca do Centro de Referência do Professor,
Filomena Roque fala sobre a exposição que continua percorrendo o país*

FOLHA PROLER - Em que aspecto você destaca a exposição A Leitura no Brasil?

FILOMENA ROQUE - Fiquei muito feliz com o resultado. Essa é uma iniciativa excelente do PROLER e da Casa da Leitura. Os professores aqui em Minas gostaram muito de conhecer melhor a história da leitura.

Será que eles ficaram curiosos para conhecer essa história ainda mais?

Sim, certamente. Acho que, a partir deste evento, eles vão em busca de novas informações. A repercussão realmente foi muito boa. Recebemos em torno de 150 professores por dia, de 31 de outubro a 19 de novembro de 2001. São cartazes muito bonitos que contam a história da leitura no Brasil, de 1500 até os dias de hoje. Esses cartazes mostram os principais marcos históricos do assunto. Daqui a exposição foi para Vitória, no Espírito Santo.

Vai também para Caxias/MA e depoIs para Natal/RN.

Você sentiu falta de alguma coisa no evento?

Senti falta de uma menção à Biblioteca do Centro de Referência do Professor. Sugiro que o PROLER fale do Centro de Referência numa próxima exposição, num próximo evento. Afinal, o Centro de Referência está fazendo um trabalho diferenciado, com singularidade e dedicação.

O que é exatamente o Centro de Referência do Professor?

É uma superintendência ligada à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. É realmente um centro de formação continuada para professores. Para isso, temos o museu da escola, o laboratório de currículos e a biblioteca do professor. Aliás, a biblioteca do professor é única no Brasil. O espaço é exclusivo para o aperfeiçoamento profissional dos professores. Além disso, o nosso

acervo é super atualizado, praticamente todo informatizado, com cerca de 50 mil títulos e três mil fitas de vídeo, revistas e jornais voltados para a área do magistério e da educação. E emprestamos todo o material para o professor levar à sala de aula.

Vocês têm acervo de literatura infantil?

Não, os livros da biblioteca são todos realmente direcionados para a formação do professor. Conseguimos os principais lançamentos de literatura infantil para o professor tomar conhecimento deles. Mas depois disso, os livros são enviados para as escolas. Porque é na escola que esses livros têm que ficar.

Quais as outras atividades do Centro de Referência?

Também oferecemos cursos gratuitos para professores sobre leitura, educação especial, língua portuguesa, sobre tudo o que pode ser trabalhado na escola.

UMA ILHA CERCADA DE SONHOS

Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP, Ezequiel Theodoro da Silva participa de congresso mundial em Cuba e explica por que a mestiçagem é a alma da leitura

FOLHA PROLER - O que foi mais enriquecedor na sua experiência em Cuba?

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA - Matar uma curiosidade incubada dentro de mim por mais de 30 anos e verificar os prós e contras do modo socialista de viver, comparando com as desgraças do sistema capitalista. Esse sistema que, com seus valores, rege a nossa vida aqui no Brasil. Mas o que realmente me chamou a atenção em Havana (não vi a ilha toda) foi o senso de patriotismo do povo. Os heróis nacionais são cultivados e respeitados por todos. Outro aspecto, que sabia de ouvido, é que os cubanos são muito parecidos com os brasileiros. Por vezes pensei que estava na Bahia, com uma alegria e uma descontração extremamente envolventes.

Como foi esse congresso mundial de leitura, em Havana? Quais as principais repercussões e os resultados do encontro?

O evento foi prejudicado pela catástrofe de Nova York: muita gente deixou de comparecer em função das atribulações do espaço aéreo e talvez com medo de viajar para um país que é inimigo dos Estados Unidos. Foi um congresso de médio porte, muito bem organizado, superando, pelo que vi e senti, grandes dificuldades para a sua realização. Houve a participação de quase todos os países da América Latina e alguns americanos. Pude sentir a vontade de trocar e conhecer as experiências dos diferentes países. Além disso, pareceu haver muita comunhão entre os congressistas, o que pode indicar interlocuções futuras para a elaboração de planos em favor do desenvolvimento da leitura.

Para você, acima de tudo, o que é apaixonante em encontros como esse?

Saber que, apesar do miserê cultural dos países da América Latina, ainda tem alguém lutando pela democratização da

leitura. É uma gostosura ouvir, reiteradas por diferentes vozes, as velhas barreiras e dificuldades para ensinar leitura e promover práticas de letramento. Também apaixonante é aprender aqueles aspectos tácitos da cultura de cada um, que geralmente aparecem em conversas nos bastidores.

Será que os cubanos estão mais interessados na cultura brasileira?

Creio que os cubanos estão interessados na cultura de todos os povos, sem ênfases neste ou naquele. Com as pessoas que dialoguei, pude sentir um interesse no nosso futebol e nas telenovelas. Para além disso, pelo pouco tempo que estive por lá (uma semana), não deu para verificar objetivamente os aspectos culturais que os interessavam mais. Entretanto, fiz bons contatos e já estou trocando mensagens com algumas pessoas via e-mail. Talvez daí saia algum projeto interessante. Vamos ver.

Até que ponto o Brasil está buscando bons intercâmbios culturais na América Latina?

A Casa da Leitura e o PROLER, pelo que tenho lido e acompanhado, estão buscando esses intercâmbios. Isso é muito bom e produtivo. Os problemas e as dificuldades na esfera da promoção da leitura e da formação do leitor são muito semelhantes. Assim, os intercâmbios podem ser como pontes para a busca coletiva de soluções. O importante é que esses intercâmbios não sejam apenas sazonais e se ampliem com o passar do tempo.

Dos encontros para a formação de leitores: como você compara as realidades do Brasil e de Cuba?

Quando passei por um sebo, em Cuba, senti as diferenças. O povo cubano é um povo leitor, que busca livros em bibliotecas, livrarias e sebos. Mas olha, tem realmente muita gente cubana dentro desses locais. Creio que o Brasil vai ter que caminhar muito para chegar ao patamar conquistado

por Cuba na promoção da leitura.

E em relação a bibliotecas públicas e escolares? De que modo Cuba vem tratando a questão?

São muitas as dificuldades nessa área, a começar dos problemas relacionados com a própria produção/edição de livros. O papel é escasso no país. Não pense que as bibliotecas são um grande luxo ou muito abastecidas. Pelo contrário, os acervos das que visitei são simplesmente razoáveis. Mas o razoável é vorazmente usado pela grande maioria da população. História interessante que ouvi relatada foi a de uma pequena cidade cubana em que não havia biblioteca. Uma família havia formado uma excelente biblioteca particular e resolveu abrir a residência para que a comunidade tivesse acesso aos livros e outros materiais escritos, existentes nessa biblioteca. Coisa de solidariedade que está meio difícil constatar no Brasil de hoje.

O Brasil precisa realmente mergulhar na criação e dinamização de bibliotecas. Quais os melhores caminhos para isso?

Depois de mais de 30 anos mexendo com isso, creio que o caminho é somente um: investimentos contínuos por parte dos governos na criação de novas bibliotecas, manutenção e adequação dos próprios existentes e um sistema contínuo de abastecimento que não deixe esclerosar a oferta de livros. Outro caminho é o da vergonha na cara, mas isto é um outro assunto.

Na sua palestra, em Cuba (publicada nas páginas 4 e 5 desta edição), você disse que "todo aprendizado, como toda leitura, é mistura e mestiçagem". Em que sentido a mestiçagem é a alma da leitura?

No sentido de que é diálogo e abertura para o outro, comunhão, casamento, mesmo no conflito de idéias. Nem rio nem barranco: lama!

